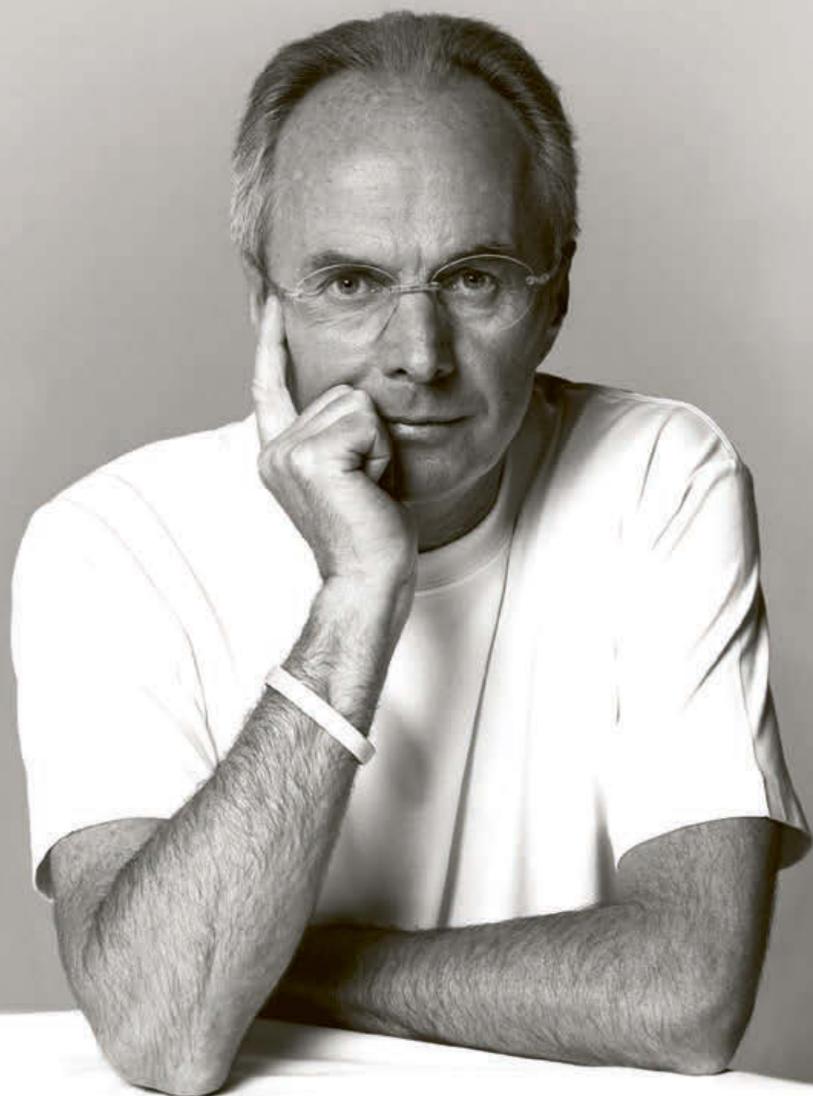


SVEN-GÖRAN ERIKSSON

com Bengt Berg



UM JOGO BONITO

Reflexões sobre a vida e o futebol

v o g a i s

Futebol

O planeta não é diferente de uma bola de futebol,
de forma alguma
As bolas são chutadas por todo o globo,
e ambos são redondos.
As pessoas driblam e rematam, falham e por vezes
Acaba por ser golo.
Ou um lançamento lateral, talvez um canto.
Em bairros de lata no Terceiro Mundo
Brotam a esperança dourada,
Dentro das cabeças sonhadoras de rapazes transpirados
Abre-se a estrada; em pobres apartamentos suburbanos
ingleses
A ressaca é suavizada e a vida é ressuscitada por:

HOJE HÁ JOGO!

Emerge a fraternidade, a contrariar diretamente
os jornais vespertinos,
Com a sua promessa de um jogo de ódio,
subordinando objetos de fé,
A cor da pele tem menos valor do que um mau passe,
Rebenta uma grande ternura, bem como a violência,
até uma guerra
— tudo é possível sob a sombra do futebol, dentro
e a toda à volta
Destes retângulos verdes espalhados por todo
o mundo.

BENGT BERG

Índice

Prefácio	11
1 — Torsby IF	25
2 — Sifhälla / KB Karlskoga / Degerfors	39
3 — IFK Gotemburgo	53
4 — Benfica	77
5 — Roma	89
6 — Fiorentina / Benfica	105
7 — Sampdoria	117
8 — Lazio	129
9 — Inglaterra	147
10 — Desempregado	185
11 — Manchester City / Notts County	191
12 — Costa do Marfim / Leicester City	205
13 — Dubai / China / Filipinas	215
14 — Björkefors	231
15 — O Futebol Moderno	235
16 — Doença	245
Conclusão	257

Prefácio:

Criaturas de Um Dia

«Amanhã, todos seremos uma história», escreveu o escritor judaico-americano, vencedor de um prémio Nobel, Isaac Bashevis Singer. Mas onde começa a história de um espírito humano? Pode ser difícil chegar a uma resposta única, breve. Nascemos na nossa história e, involuntariamente, somos nomeados o seu gestor, o seu narrador, o seu ator. Os eventos neste livro começam com o rapaz comum de Torsby, Sven-Göran Eriksson, que, graças ao seu amor pelo futebol e a um interesse crescente pelo jogo, assumiria uma nova e conhecida identidade: «Svennis» em solo sueco, e «Mr. Eriksson» por esse mundo fora.

Quem faz o percurso de ida e volta do emprego, ou quem faz regularmente o mesmo trajeto, sabe que a repetição pode abrir espaço para divagações na mente, tanto para trás no tempo como para diante na paisagem. Subitamente, descobre uma casa nova na orla da floresta, apesar de essa casa aí estar desde que foi construída, há oitenta anos. O laboratório das perceções, tal como o guarda-roupa da memória na mente, é uma instituição.

Estou sentado no meu *Volvo* branco, a seguir as curvas familiares da estrada e avistando, aqui e ali, sinais pintados à mão que dizem «Atenção – ALCES». Enquanto me dirijo para casa, penso sobre o que falámos e no que poderá ser amanhã, quando conduzir para sul, em direção a Björkefors, a casa de Svennis. No caminho, paro na passagem de nível do comboio e, então, consigo perceber se vou com 10 minutos de atraso ou mesmo a horas.

A minha aldeia, Fensbol, localiza-se a 10 quilómetros de Torsby, a cidade principal da região, e tem sido o ponto de partida de todas estas viagens para novas conversas com o Svennis em Edsbjörke, na costa leste superior do Lago Fryken. A viagem atravessa as aldeias de Utterbyn, Röbbjörkeby e Oleby, seguindo depois para sul, lado a lado com a via-férrea, passando Badabruk, a encantadora aldeia de Lysvik (que não é conhecida como «a joia do Lago Fryken» à toa), Ivarsbjörke, com a sua estação tão bem preservada, até Edsbjörke, onde viro na placa de Lappnäs. A partir daí, uma estrada rodeada de árvores conduz-me aos portões, por detrás dos quais se ergue a bela mansão Björkefors.



O contexto do Svennis e o meu são bastante semelhantes. Os nossos pais eram pessoas comuns, numa infância e juventude passadas numa Suécia idílica, após o final da Segunda Guerra Mundial. O nosso interesse partilhado pelo desporto uniu-nos desde cedo, no início da nossa adolescência. O Svennis seguiu o seu caminho nessa estrada, com um sucesso notório, enquanto eu tentei sublimar os



Centro de Torsby, na década de 1950.

meus sonhos destruídos de desportista com os desafios que a escrita pode apresentar. Se o Svennis deu a volta ao mundo com a ajuda de uma bola de futebol bem cheia, a mim foi a casca de banana da poesia que me permitiu visitar países e locais remotos, em festivais de poesia por todo o mundo. Ele tornou-se o treinador icónico, mundialmente famoso, com lugar reservado nas arenas internacionais de futebol. O meu caminho foi muito diferente, ainda que os meus sonhos de juventude tivessem brotado da mesma árvore da qual brotaram os dele. Nas asas douradas do futebol, ele ergueu-se acima das colinas azuis da nossa terra, trocando o silêncio das florestas por uma outra realidade triunfante. Enquanto o Svennis chegou a tornar-se líder de grandes equipas de futebol em grandes estádios, o meu futuro residia numa das profissões mais solitárias: a de autor. Ainda assim, existem certas

semelhanças nas nossas histórias de vida, com um outro mundo a aliciar-nos constantemente e uma casa que sempre ali esteve, a oferecer-nos segurança.

O nosso contacto tem sido irregular ao longo dos anos, mas está sempre ligado pelo nosso ponto de partida partilhado: Torsby, uma vila no norte da região de Värmland, mesmo ao lado da Noruega. Daí, partimos pela vida e pelo mundo, e este livro fala da jornada maravilhosa que o Svennis conquistou, ao longo de cerca de cem conversas que tivemos desde a primavera de 2021, durante as quais nos sentámos com as nossas canecas de café e a magnífica vista sobre o Lago Fryken e as montanhas repletas de florestas a noroeste. As nossas conversas variaram bastante dentro do tempo e do espaço, como a nascente de um riacho que corre e brilha, pausa um pouco e depois flui, repentinamente, até chegar a maiores aquíferos, na verdade, até aos mares do mundo.

«As pessoas não são o sítio onde os seus sapatos pousam, mas sim onde estão os seus sonhos», como se acredita ter dito o autor sueco Ivar Lo-Johansson. A força motriz interior comum a nós os dois foi simplesmente o sonho de algo mais, algo maior do que a tranquilidade da vida quotidiana de Torsby, na qual crescemos ao ritmo lento do período pós-guerra. Por isso, começemos exatamente aí.



Na segunda metade da década de 1940, a vida rural na Suécia refletia, ainda, a antiga autossuficiência da comunidade agrícola, de forma robusta e em pequena escala.

Ainda assim, neste tempo de transição, podia sentir-se que as privações e o isolamento da guerra tinham começado a ser substituídos por uma crença urbana, otimista e centralizada num futuro de melhorias lentas mas constantes, uma maior prosperidade e crescimento material. No fundo, esta transformação acabou por mudar uma ruralidade vibrante numa área interior despovoada.

Foi neste vinco social que crescemos; eu, o Svennis e todos os nossos colegas que podem ser vistos em fotografias da escola, tiradas em salas tranquilas com cheiro a giz. Os nomes com hífen, como Sven-Göran, eram extremamente comuns na altura e, tal como certos nomes monossilábicos de rapazes como Bengt, Mats e Kurt, parecem, hoje em dia, ser uma certificação virtual de um pensionista.

Quando olhamos para trás, para estes anos vigorosos e importantes das nossas vidas, é fácil cair na nostalgia, claro, bem como ficar espantado pela progressão lenta até uma sociedade mais altamente desenvolvida. Concretamente, havia um lugar natural para os anseios nas nossas mentes jovens, devido ao facto de que demorávamos um tempo considerável até conseguirmos aquilo que queríamos: uns patins de gelo novos, uma bicicleta, uma viagem de comboio até Estocolmo. O conceito de «diversão» era uma invenção quase inexistente, e as atividades recreativas nem se fala. No entanto, lançávamo-nos a estas mudanças, acolhendo cada novidade que aparecia. Naqueles dias, fazíamos a maioria das coisas nós próprios. Independentemente da estação do ano, formávamos, constantemente, novas associações ou organizávamos as nossas próprias Olimpíadas.

Embora eu tivesse chegado ao mundo com um avanço de dois anos em relação ao Svennis, a nossa infância e os anos da nossa adolescência deram-nos as mesmas memórias e percepções das limitações que o nosso mundo tinha naquela altura. No entanto, havia uma diferença entre crescer no centro de Torsby, como foi o caso de Svennis, e crescer na exígua e sinuosa aldeia onde eu vivia, 2 quilómetros a norte.

Enquanto vila central numa extensa região do norte de Värmland, Torsby era vista como uma metrópole em expansão. Ali passava a via-férrea e havia um grande hospital municipal, que se tornou o maior empregador da região. Outro empregador, mais orientado para os homens, era a serração Notnäs, que simbolizava, além disso, o importante papel que as florestas e a madeira tinham tanto para o emprego da população como para os lucros das empresas naquele tempo. Os edifícios que faziam parte do sentimento urbano eram o imponente tribunal distrital, o edifício do Banco Värmland e o belo cinema Star, todos localizados na artéria principal da vila: a Rua da Ferrovia. Ainda dentro do espírito da autossuficiência local, encontravam-se a cervejaria, a leitaria, a mercearia e outras lojas de conveniência.

Paralelamente à Rua da Ferrovia, estendia-se a *La Strada d'amore* da vila, a Avenida do Riacho Lort — ou Rua da Nova Praça, a sua designação mais oficial — com uma vida vibrante em torno da estação de autocarros e do quiosque da GDG (Administração de Tráfego Gotenburgo-Dalecarlia-Gävle), no qual trabalhava Ulla Eriksson, a mãe de Svennis.



Estação de comboios de Torsby, na década de 1950.

Da estação de comboios, o terreno desce até à água do lago da Avenida da Fundição. O Svennis cresceu numa casa de dois andares no que deve ter sido um lugar verdadeiramente idílico durante a década de 1950. Ficava perto da Escola Holmes, perto da água, onde o salmão fazia fila para ser pescado, junto ao centro de Torsby. No fundo, perto de tudo o que era necessário.

Na montra da loja do ferreiro foi colocado um televisor mesmo a tempo da tão antecipada *Exibição de Domingo*, em dezembro; a maravilha de uma agitação a preto-e-branco. No ecrã, os espectadores de visão apurada conseguiam ver os contornos de jogadores de hóquei no gelo enquanto perseguiram um disco nalgum local remoto. Era algo mágico numa época em que essa palavra ainda significava alguma coisa: mágico!

Poderia dizer-se que a televisão chegou à região ainda antes das próprias imagens, na forma de uma torre no

topo da Colina dos Mirtilos, o que permitiu, muito convenientemente, transmitir as imagens a tempo dos Jogos Olímpicos de Roma, em agosto e setembro de 1960.



Uma vez que os nossos percursos da juventude se cruzaram pela primeira vez num complexo desportivo no norte de Värmland, onde pusemos à prova a nossa determinação na modalidade mais difícil do atletismo — o decatlo —, podemos, a bem da simplicidade, comparar a história deste livro a um triplo salto.

O primeiro passo foi dado no Complexo Desportivo Björnevi, algures na transição da década de 1950 para a de 1960, com os Jogos Olímpicos de Roma como miragem inspiradora num televisor de ecrã trémulo. Depois disso, o Svennis lançou-se ao futebol, vestindo o uniforme azul e branco do Torsby IF. Este livro conta a história da sua busca contínua pelas torres e pináculos do futebol.

O segundo passo foi dado várias décadas depois, no Stadio Olimpico, em Roma, quando o Svennis passou os seus anos gloriosos com outra equipa de azul e branco, a Lazio. Tivemos uma tremenda sorte de ficar na Tribuna d'Onore Sinistra, a tribuna de honra, sentados entre os cardeais, os *carabinieri*, os chefes de Estado e a ocasional família com crianças nessa noite de domingo. A seleção de futebol italiana disputava um jogo contra uma equipa constituída por estrelas internacionais, entre as quais se contavam nomes como Rui Costa, Pavel Nedvěd, Gabriel

Batistuta e Andriy Shevchenko. O estádio foi preenchido por música *gospel* americana antes da entrada da limusina preta, dentro da qual chegou o Papa João Paulo II, acenando corajosamente. Neste dia, celebrava-se o *Anno Santo*, o Jubileu do Ano 2000, e 70 mil pessoas nas bancadas chegaram em autocarros vindos de diferentes regiões e de todos os pontos cardeais da bússola católica do mundo. Foi então que nasceu a primeira ideia de um livro, embora não apenas na minha mente, já que várias biografias do Svennis viriam a ser publicadas nos anos que se seguiram.

O Svennis acabava de assinar contrato com a seleção de futebol de Inglaterra e os jornais, tanto em Itália como no Reino Unido, iriam rapidamente fazer correr tinta. Trocaria o seu período de sucesso enquanto treinador da Lazio por um empreendimento ainda maior.

Chegamos, agora, ao passo número três, já nos anos 2020, com o Svennis de regresso a Värmland após inúmeras aparições como convidado por todo o mundo. O regresso ao Vale Fryken, o seu berço futebolístico e o canto do mundo onde podemos partilhar o idioma da região nortenha e compreender-nos um ao outro, mesmo quando não estamos sequer a falar.

Esta noção de que a nossa língua assenta numa realidade partilhada que faz sempre sentido, mesmo quando é difícil de compreender, encontra-se no núcleo da narrativa. Podemos pensar no idioma de Värmland e esses pensamentos podem ser a solução para uma situação arriscada, apresentando a seguinte conclusão: chegamos sempre a algum lado!

Uma vez de acordo com a ideia de criar um livro baseado nas nossas conversas de café, começámos a encontrar-nos cerca de uma vez por semana na bonita casa de Svennis. As conversas, gravadas nos nossos telefones, foram constantes ao longo do ano, desde o inverno/primavera de 2021. As nossas duas vidas podem aparentar ser mais convexas do que paralelas, mas ambos partilhámos esse tempo, ainda que em locais diferentes e com atividades amplamente divergentes. Além disso, existe poesia no futebol — embora dizer o inverso possa ser mais complicado.

O Svennis costuma recorrer ao conceito de «pés assentes na terra». Para ele, a realidade sem *glamour* apresenta-se como algo fundamentalmente positivo. Como tal, as nossas conversas situam-se num nível que uma pessoa comum, com algum interesse por futebol, vai entender; mesmo que estas conversas, por vezes, lidem tanto com o significado da vida como com a inevitabilidade da morte.

Mesmo no breve período de tempo entre meados de março de 2021 e o presente, aconteceram muitas coisas, acontecimentos enormes e devastadores, com impacto tanto a nível global como na nossa existência. Guerra e miséria, doença e morte. Tudo enquanto as estações se seguem umas às outras no nosso idílio nórdico.

No início de fevereiro de 2023, o Svennis descobriu que estava gravemente doente e que, como tal, todos os seus planos tinham de ser reajustados. Claro está que o seu diagnóstico foi um choque e que, ao início, o conhecimento do mesmo foi limitado a um círculo muito restrito.

Com o tempo, veio a explodir como uma grande notícia pelo mundo do futebol.

De repente, as perspectivas das nossas conversas adquiriram uma dimensão completamente nova, mas, ainda assim, as nossas reuniões persistiram.



Em fevereiro de 2023, quando ele me dá a notícia, não é um dia de primavera nem de outono, mas deveria ser de inverno. Caminhamos em silêncio pela estrada da aldeia em direção a Lappnäs, uma congregação pequena e silenciosa a partilhar a gravidade do momento. As ondas no lago são escuras e robustas, as nuvens assentam os seus tapetes de luz por cima dos cumes das montanhas do outro lado. O vento vem de sul, mas ainda assim é frio. De uma semana para outra a nossa existência pode sofrer uma reviravolta. Como uma mesa de cozinha após uma explosão de fúria ou um carro que patina numa estrada gelada, inesperadamente.

Falamos sobre assuntos do dia a dia, sobre a área que nos rodeia, e depois trocamos algumas frases curtas sobre a situação. Partilhamos uma atmosfera de confiança, silenciosa, mas terna. Talvez eu pudesse viver na sua casa do lago, como ele se refere ao local onde uma família afegã viveu durante vários anos (ainda vivem na Suécia, em Sunne). Decidimos, também, que o nosso trabalho no livro deve continuar, mas tudo depende de como a doença se comportar e de como se poderá gerir.

Criaturas do dia! O que é um homem?
O que não é? O sonho de uma sombra
É o nosso ser mortal. Mas quando chega aos homens
Um brilho de esplendor vindo do céu,
Então pousa sobre eles uma luz de glória
E abençoados são os seus dias.

Pythia VIII, PÍNDARO

Este belo texto foi escrito pelo poeta grego Píndaro, no início do século v a. C., e refere-se à brevidade da vida, mas também à sua grandeza única: nascemos, vivemos e morremos. O mesmo acontece a todas as pessoas na Terra e é uma das poucas coisas das quais podemos estar absolutamente certos. Aqueles que cultivam sentimentos religiosos podem imaginar uma continuação após a morte, embora, claro, noutra dimensão.

Desde que o Svennis recebeu a notícia sobre a sua doença incurável, passou a ter mais razões para refletir na sua situação existencial e para navegar os seus pensamentos de uma forma completamente nova. E, através do seu comportamento ponderado, inspirou assombro e admiração ao público em geral.

Caminhamos no jardim. Ele vira-se para norte e aponta para além da água: «Vês aquele promontório que se estende até perder de vista? Gostaria que o meu funeral fosse aí, quando deixar a existência terrena.» Contempla um banco esculpido num bloco de pedra no relvado. «O lugar de eterno descanso», diz com um sorriso. «Recorro à Bíblia e ao Corão, às vezes, mas não posso afirmar ser crente.» Depois, quase em jeito de completar o quadro da sua crença em Deus: «Os Dez Mandamentos, mais do que

crenças, têm algumas indicações morais úteis, como o dever de honrar e respeitar as pessoas. Mas, para mim, a Natureza é o verdadeiro milagre. As estações.»

Após saber da sua doença, o Svennis teve de ajustar o seu relógio, mudar a sua perspectiva e encontrar uma estratégia plausível para viver o dia a dia. Subitamente, o último capítulo do livro da sua vida aproxima-se e agora, mais do que nunca, tem de encarar cada dia tal qual este se apresenta. Cada manhã é espantosamente nova e a vida ainda tem pulsação. Vale a pena viver a vida.

Em janeiro de 2024 ele declara, de forma calma e composta, para que todo o mundo possa ouvir: «Toda a gente compreende que tenho uma doença que não é boa. Toda a gente adivinha que seja cancro, e é. Mas eu vou resistir-lhe o máximo que puder.»

Depois acrescenta: «Mas é preciso enganar a mente. Ver o lado positivo das coisas, não nos deixarmos ir abaixo com a adversidade, porque é claro que esta é a maior das adversidades. Temos de retirar algo bom daqui.»

Esta é a sua resposta-tipo às perguntas que lhe são colocadas repetidamente em entrevistas ao longo do seu périplo real, de uma metrópole do futebol europeu para a outra: Liverpool, Lisboa, Gotemburgo, Génova, Degefors e, claro, Torsby. O interesse das pessoas em Sven-Göran Eriksson é avassalador. Os jornalistas parecem ter dificuldade em assimilar a ausência de drama na sua razoabilidade acerca do término da vida e da iminência da morte. Mas isto, esta noção de que há um ponto em que tudo cessa para as criaturas vivas, não pode ser visto como um facto tão natural como o de que uma pessoa não existia antes

do encontro entre um espermatozoide e um óvulo, nove meses antes do momento em que conhece a luz do dia?

Primeiro, não existe. Depois, existe durante algum tempo. Depois, não existe.

Não será o encanto da fragrância de uma rosa fresca mais sedutor precisamente porque a rosa *não* será radiosa para sempre? A rosa alcança o seu pico quando floresce e acaba por secar e tornar-se uma forma de matéria mais leve. Uma rosa artificial pode parecer-se com uma rosa genuína e ultrapassá-la na «duração da sua vida», mas o valor da flor artificial será sempre inferior.

É o final, o terminar, que dá ao que vivemos antes o seu grande valor. Isto pode expressar-se em termos simplificados, com referências futebolísticas: imagine um jogo que nunca acaba, que nunca culmina no apito do árbitro. É tão desprovido de significado quanto jogar duas partes de 45 minutos sem bola.

Todos nascemos sozinhos e cada um de nós morre a sua própria morte. Mas a vida é partilhada com os outros, tanto com aqueles que nos são muito próximos como com todos os outros por este mundo fora. Quando alguém fica a par do tempo estimado até à data da sua morte, é claro que o amanhã se reveste de um novo significado. O que antes era um dado adquirido, adquire um novo valor na nova situação.

Somos todos criaturas de um dia. O brilho dourado que nos alcança pode chegar-nos de vários remetentes e imbuir as nossas vidas de objetivos e significados mutáveis.

Bengt Berg
Torsby, agosto de 2024

1

Torsby IF

Em Torsby, como na maioria das comunidades rurais da Suécia, era importante manter os dois pés assentes na terra, não pensar que se era melhor ou que se tinha mais valor do que qualquer outra pessoa. De preferência, esses pés deviam tocar o chão do relvado de um campo de futebol, de uma pista de atletismo ou através de botas de esqui. Isto porque na Torsby da minha infância, nas décadas de 1950 e 1960, tudo se centrava no desporto. No Complexo Desportivo Björnevi, o Torsby IF jogava, e ainda joga, os seus jogos em casa de azul e branco. Para nós, crianças, o estádio parecia gigante, com música alta a explodir nos altifalantes antes dos jogos e durante o intervalo. Mas o futebol não era o único desporto. A estrela local do salto em altura, Kjell-Åke Nilsson, treinava aos finais de tarde, até cair a escuridão da noite.

Olhávamos, ainda, para um maior mundo desportivo, que chegava ao norte de Värmland com a ajuda da rádio e, claro, das bancas de jornais, como aquela onde trabalhava a mãe, a vender revistas como a *Rekord-Magasinet*, *Idrottsbladet* e a *All Sport*.

A família Eriksson vivia num apartamento na Estrada Östmark. Tinha um quarto e uma cozinha, onde viviam o meu pai, Sven, a minha mãe, Ulla e, mais tarde, o meu irmão mais novo, Lars-Erik, conhecido por «Lasse». Eu tinha de dormir no sofá da cozinha. Era uma casa apinhada e a minha mãe sonhava com algo maior. O meu pai dizia que não tínhamos dinheiro para nos mudarmos, por isso, os meus pais pediram aos meus avós paternos para serem seus fiadores no empréstimo que pediram ao banco.

Os meus avós não eram ricos, mas eram proprietários de florestas e terrenos, por isso podiam, claramente, representar uma segurança. Mas não, não ajudaram nada. Depois disso, a minha mãe guardou-lhes sempre rancor. Nunca tiveram uma boa relação, o que também pode estar relacionado com o facto de, durante os meus dois primeiros anos, eles nem saberem da minha existência.



Svennis com 1 ano.

O meu nascimento não foi planeado. O meu pai vendia bilhetes no autocarro entre Sunne e Torsby e tinha 18 ou 19 anos quando nasci. A minha mãe era três anos mais velha e vivia em Sunne, mas trabalhava em Torsby. Apanhava aquele autocarro todos os dias e, claro, começaram a gostar um do outro nas suas viagens pelas estradas rurais.

O meu pai tinha a consciência pesada por não contar aos meus avós sobre o meu nascimento. Eu acho que eles nem sabiam que os meus pais estavam juntos. Vivi os meus primeiros dois anos apenas com a minha mãe num estúdio. O prédio tinha somente uma casa de banho, sem duche, partilhada por cinco ou seis famílias.

«Eu era uma pessoa extremamente imatura quando me tornei pai», confessa o meu pai, ainda hoje. Sentia vergonha disso enquanto a minha mãe foi viva. Nunca discutiu com ela, nem sequer os ouvi queixarem-se um do outro. Acho que isso talvez tenha algo que ver com os primeiros anos da minha vida.

Mesmo sem nenhum tipo de ajuda, a minha mãe estava determinada em mudar-se para outro sítio. Era uma mulher muito obstinada e sabia da existência de lotes baratos à venda em Torsby. Agarrou a oportunidade e construíram uma casa com quatro divisões e uma cozinha. Mudámo-nos na Páscoa de 1959, quando eu tinha 11 anos. Foram tempos difíceis, mas ela conseguira.

Trabalhou numa loja de tecidos durante algum tempo e depois começou a trabalhar na banca de jornais da GDG, mesmo ao lado da estação de comboios. Esteve ali durante muitos anos. Depois, por motivos que eu nunca

compreendi, tornou-se auxiliar de enfermagem e fazia, maioritariamente, os turnos da noite no hospital. Isto até era prático, porque o hospital ficava do outro lado da estrada da nossa casa.

O meu pai, inicialmente, era revisor numa empresa de autocarros que pertencia ao meu tio-avô do lado da minha avó paterna. Depois, começou a conduzir o autocarro, antes de arranjar um emprego como camionista. O seu último emprego foi como faz-tudo no centro comercial Toria, onde era responsável por cuidar do jardim e do serviço de correio, entre outras coisas.

Nessa altura, os meus pais viviam numa bela casa em Herrgårdsviken, em Torsby, mesmo antes de se chegar ao lago e aos rápidos, em direção ao Lago Fryken. Fui eu que lhes disse que deviam comprar aquela casa e assim o fizeram. Mas não quiseram qualquer ajuda financeira. A minha mãe estava radiante com a casa e viveram ali até o meu pai se reformar. O seu chefe dizia que o meu pai era o melhor funcionário que tinha, mas ele estava pronto para se ir embora. Nessa altura, já achava que o jardim em Herrgårdsviken era demais para si.



Os meus pais ficaram muito contentes com o meu interesse pelo futebol. A minha mãe não ia a muitos dos meus jogos, mas quando jogávamos em casa, em Torsby, ela assistia. Já o meu pai via tudo. Nunca jogou futebol, mas era um adepto tremendo. Hoje, vê mais jogos na televisão do que eu próprio — e são mesmo muitos jogos. Quando

vou a um jogo, por exemplo com o Karlstad Fotboll, ainda quase nem entrei no carro e ele já está a telefonar-me para falar sobre o jogo: «Como é que foi? Sofreram um raio de um golo!»

A minha mãe era muito rígida no que tocava à minha obrigação de fazer os trabalhos de casa a par de praticar desporto. Ela sempre teve muito boas notas na escola e os seus professores diziam-lhe que devia continuar a estudar. Até visitaram a mãe dela para expor a sua visão sobre a prossecução dos seus estudos.

Nunca conheci o meu avô materno. Toda a gente se recusava a falar sobre ele. Pelos vistos, desaparecera, simplesmente. A minha avó materna teve de criar quatro filhos, portanto, e não tinha meios para permitir que ela continuasse a estudar; não obstante, anos mais tarde, à filha mais nova foi dada a possibilidade de se tornar enfermeira. Concluído o 6.º ano de escolaridade, a minha mãe teve de procurar trabalho, e foi algo que nunca ultrapassou. Daí preocupar-se tanto com os nossos trabalhos de casa e que seguissemos os estudos. Estava determinada a não permitir que acontecesse aos seus filhos aquilo que lhe sucedera.

Para ela, eu era um santo. Estranhamente, fui criado numa fórmula meio rígida e meio mimada. Sentia muito amor em casa, mas nem sempre fazia os trabalhos da escola, o que a deixava zangada. Já o meu pai não se importava. Cumpriu seis anos de escolaridade, dos quais odiou cada dia. Para ele, esse tempo chegava-lhe para sempre.

Regra geral, eu portava-me bem e nunca arranjava sarilhos na escola. No entanto, era um jovem jogador no

Torsby IF e naqueles dias aprendíamos a beber álcool na equipa de futebol. Ganhámos o campeonato da 4.^a divisão e tivemos a hipótese de disputar um jogo de qualificação em Kristinehamn. Depois do jogo, que vencemos, o clube ofereceu-nos o jantar no principal hotel de Karlstad, que incluía comida e bebida. Eu tinha 16 anos na altura, sem qualquer experiência com o álcool. Acabaram por ter de me levar a casa em braços. A minha mãe não me falou durante uma semana. Na manhã seguinte, não havia pequeno-almoço para mim e tive de desenrascar uma sanduíche da forma que sabia. Ao fim e ao cabo, havia comida na escola.

A reação do meu pai foi mais moderada. «Bem, isto só te vai fazer sentir pessimamente, por isso, para a próxima, vê lá se não bebes tanto», disse-me.

Eu nunca ouvi o meu pai levantar a voz. Se ele dizia «não» a algo, qualquer pedido (o que quase nunca acontecia), a conversa acabava aí, sem gritos. Então, nós — a minha mãe, o meu irmão e eu — sabíamos que não era para acontecer. Ele nunca se exaltava com coisas pequenas. Olhando para os meus pais, creio que a minha maneira de ser se assemelha muito à do meu pai. Somos parecidos na aparência e enquanto indivíduos, embora, na minha vida profissional, eu tenha tido uma aprendizagem social a que ele nunca foi sujeito.

Os meus pais tinham alguns bons amigos, mas não muitos. A minha mãe era muito caseira. Não sei porquê, mas quando ela morreu ficámos muito surpreendidos ao ver o meu pai, sempre tão tímido e pacato, tornar-se extremamente social da noite para o dia. Nascido em 1929,

ele conhece toda a gente em Torsby. Sai para caminhar todos os dias e recebe abraços de todas as raparigas com idades entre os 20 e os 90 anos.



No verão eu costumava trabalhar como moço de recados, distribuindo pão num ciclomotor. A padaria ficava ao lado da Cerâmica Majwonne e por trás ficava o Novo Café, onde, mais tarde, me tornei aprendiz de pastelaria. Nesse café, que hoje é uma *pizzaria*, a *jukebox* estava sempre no volume máximo e as miúdas adoravam o ambiente. Naquela altura, havia cinco cafés em Torsby, cada um com os seus clientes e a sua função social na região. Ao lado do Hotell Björnidet ficava o Sohl, um café tradicional, frequentado por senhoras idosas. Mais à frente, seguindo a Kyrkogatan, ficava o Lindström. Este era um bar para existencialistas emergentes, com longos cachecóis negros, estudantes da nova escola secundária. Ao longo da artéria principal, Järnvägsgatan, encontrávamos o Henricsdal Café, num antigo edifício de madeira. Tinha uma bela esplanada, frequentada por passageiros de autocarro, que talvez tivessem vindo ao centro para uma consulta médica ou para resolver qualquer assunto. Por fim, tínhamos o Wiener Café, que ficava por cima do Exército de Salvação.

Eu comprei o ciclomotor de uma velhota quando tinha 15 anos e, instantaneamente, o mundo tornou-se um pouco maior. O ciclomotor não estava em grande forma, mas andava. Tinha de se fazer a bomba arrancar com a ajuda dos pedais. Éramos vizinhos do instrutor da escola de



Olhando para trás, que conselhos darias a ti próprio enquanto criança, enquanto adolescente e enquanto jovem?

Para mim, o sonho do futebol nunca começou no banco. Durante muito tempo, era no relvado que eu queria brilhar. Mas nunca fui grande jogador. Então, o meu conselho para mim próprio seria: pratica o máximo possível de futebol enquanto fores jovem. Para mim, grande parte do ano era dominada pelo esqui, hóquei no gelo e outros desportos de inverno. Mas quem quiser ter sucesso no futebol, tem de treinar bastante desde muito cedo.

condução, Sahlström, e ele deve ter-me visto a debater-me com o veículo. Ele gostava de futebol e um dia disse-me: «Se o Torsby chegar à 3.^a divisão, dou-te a carta de condução.» Precisei de três aulas práticas, com algumas voltas por Sunne, que tinha faixas duplas em redor das bancas de cachorros-quentes. Foi aí que me ensinou todos os truques para passar no teste de condução e acertou em cheio. Eu nunca abri um livro de teoria e, até hoje, não aprendi a ler os sinais de trânsito.



«Um, dois, três — partida, largada, fugida! — AGORA!»

Mas eu continuo de pé, retraído, no topo da torre de mergulho em Kollsberg, a zona de banhos no lago. Por fim, tive de descer pelas escadas porque nunca tive coragem de saltar. Havia plataformas de salto com 3 e 5 metros de altura. Eu sentia-me no topo da Torre Eiffel. Via as ondas negras por baixo de mim. As pessoas mais acrobáticas subiam para o corrimão no topo da estrutura de 5 metros, o que lhe dava um metro de altura adicional. Até pessoas que não sabiam nadar saltavam, o que fazia delas tão tontas quanto corajosas.

Era eu, o Anders «PeeWee» Persson e um grupo de amigos. O PeeWee era uma verdadeira carga de trabalhos, completamente temerário. Era absolutamente intrépido, ao contrário de mim. No inverno, ambos trocávamos a torre de mergulho pelos saltos de esqui.

Apesar de a minha mãe não gostar que eu fizesse saltos de esqui, num domingo, quando eu já saltava há vários

anos, os meus pais disseram que iriam assistir aos treinos nas instalações Brunnsdalsbacken. Éramos um grupo grande a saltar ali e eu disse ao PeeWee que os meus pais estavam a caminho. Quando se sentaram na zona do público, sob a plataforma mais baixa, o PeeWee disse: «Saíam da frente, crianças. Eu vou mostrar-vos como é que se salta!» Deu tudo o que tinha, perdeu o controlo e praticamente aterrou de cabeça. Foi levado para o hospital e ficou internado durante uma semana com um traumatismo craniano. Foi o único salto que os meus pais viram.

Eu dedicava-me também ao atletismo — ao decatlo, mais precisamente. No Complexo Desportivo Björnevi, claro está. Era um cenário prático onde nós próprios



podíamos ir buscar os pesos e dardos de lançamento arrumados num barracão destrancado. O cronómetro brilhava como um diamante e podíamos requisitar um livro com instruções sobre técnicas de lançamento do dardo da biblioteca.

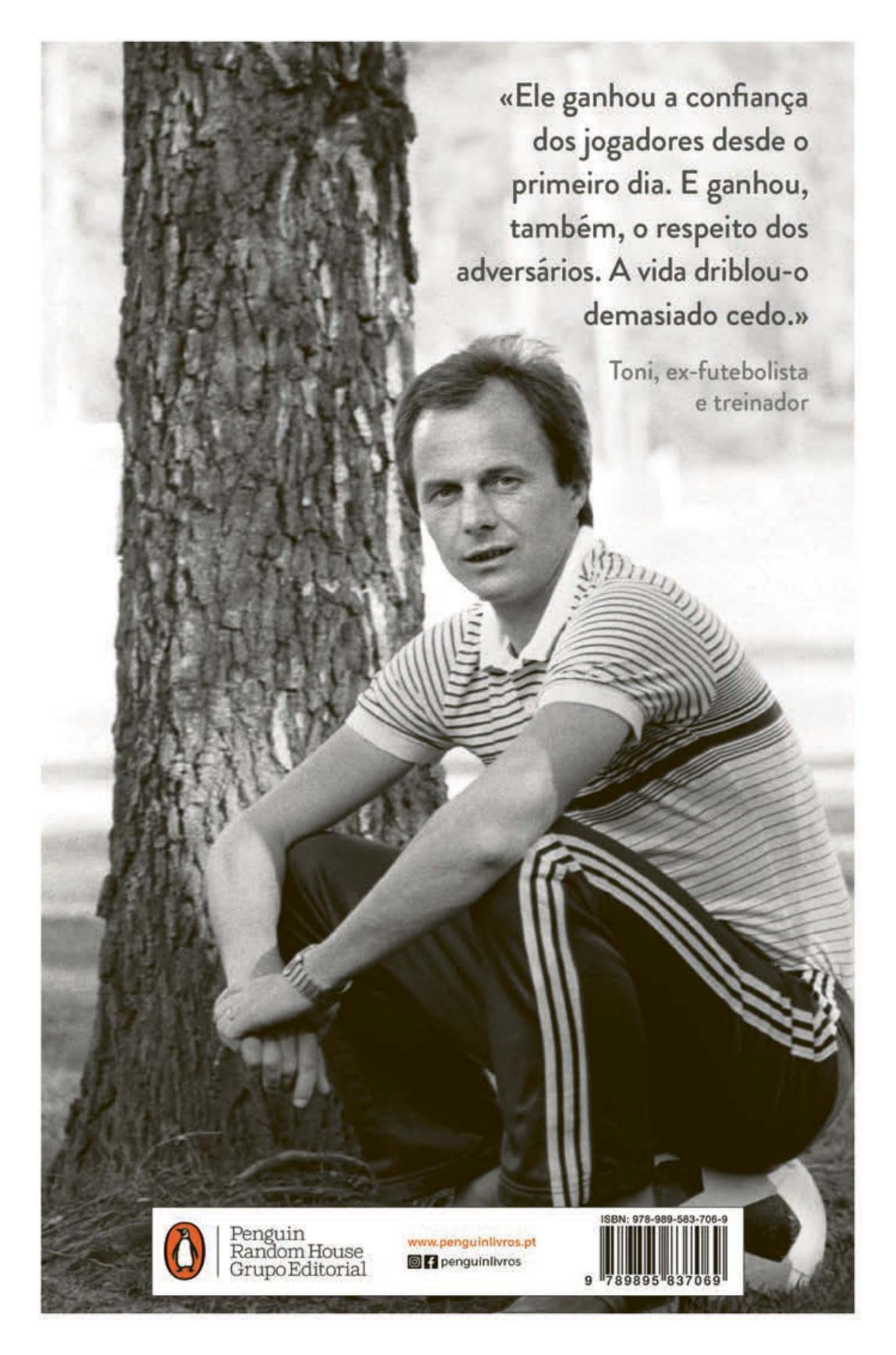
Além do desporto, também sabia tocar. Primeiro a flauta e depois o bandolim, até meter na cabeça que queria tocar trompete, porque o Göte Norlén, que era da idade do meu pai e vivia no nosso prédio, também tocava. Ele tocava clarinete, saxofone e trompete. A mãe de Göte, Klara Norlén, mandava-me ir comprar-lhe dois maços de *Floridas* — cigarros, portanto. Ela estava constantemente a fumar, tinha sempre uma cafeteira ao lume e, num canto, havia uma garrafa de *aquavit**. De vez em quando, ela dava um golinho, continuando a beber o seu café. Viveu até ser velhinha como as montanhas.

No verão, mal Göte chegava a casa do trabalho, queríamos que ele viesse jogar futebol connosco, por isso tínhamos de esperar uma hora enquanto ele praticava com os seus instrumentos. Ficávamos sentados nos degraus e ele na varanda a tocar. Não tínhamos particular interesse na atuação musical, só queríamos que ele viesse jogar futebol connosco. Ainda assim, isso inspirou-me a aprender a tocar trompete. Para isso, era preciso ter pulmões volumosos e lábios fortes. Por qualquer razão, acho que talvez por haver poucos miúdos a tocar, mais do que pelo meu grande talento, acabei por tocar na celebração do

* *Aquavit* é uma bebida alcoólica destilada a partir de certos grãos ou batatas, aromatizada com ervas. É muito popular na Escandinávia, onde é produzida desde o século xv. [N. T.]

final do período escolar. Eu queria tocar «Noite de Verão em Gotland», mas o meu professor, Lawrence Lithander, que era de um lugar chamado Erickson, em Manitoba, no Canadá, achava que não soava bem, pelo que eu teria de tocar algo mais fácil. No entanto, eu mantive-me firme e disse que tinha de ser esta a canção escolhida. Acabou por soar horrivelmente.

Um dia, decidi contar ao meu pai que ia desistir do trompete. «Acho que é a escolha certa», foi a resposta dele. Deve ter sido horrível, para todos lá em casa, o tempo em que me sentava a praticar as mesmas canções uma e outra vez. Além disso, tendo em conta a direção que o futebol tomava na minha vida, tenho de admitir que o meu pai estava certo. Eu fiz a escolha acertada. Mas hoje lamento não saber tocar um instrumento. Parece apimentar tanto a vida.



«Ele ganhou a confiança
dos jogadores desde o
primeiro dia. E ganhou,
também, o respeito dos
adversários. A vida driblou-o
demasiado cedo.»

Toni, ex-futebolista
e treinador



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-583-706-9



9 789895 637069